

A Bipolaridade da Linguagem da Sexualidade

Subentendidos, Piropos, Palavrões e Outros Elementos Linguísticos

Estudo

Para a Margarida, uma conversadora multifacetada

1. Temática e problemática

Os Estudos Linguísticos interessam-se por teorizar e analisar matérias que se prendem com a linguagem no seu todo. Logo, estudar o vocabulário de uma determinada área do saber humano, assim como os textos escritos sobre o assunto, é, cientificamente, relevante. Como a qualquer outro, isso aplica-se ao campo da sexualidade. No geral, a linguagem usada neste domínio, ou com ele relacionado, suscita redobrado motivo de interesse para a investigação porque é uma temática que vai sendo encarada de modo diferente, essencialmente de sociedade para sociedade e de época para época, desencadeando mudanças culturais e linguísticas. Além disso, envolve diversos planos de análise, sobretudo lexical, semântico, estilístico e pragmático. A este propósito, em diversos materiais produzidos na sociedade contemporânea portuguesa, é possível estabelecer uma nítida diferença entre “o que é dito” e “o que não é verbalizado, mas fica sugerido” (os subentendidos) e “o que não é dito”. Linguisticamente, os subentendidos (“ditos não ditos”) são matéria de estudo assaz pertinente, embora de difícil medição e, por isso, devem, os modos como, socialmente, se fala de sexualidade, ser estudados pela Linguística. Em consequência, observar o processo comunicativo e a linguagem usada, quando se fala de sexualidade, implica colocar as mesmas questões que em qualquer outra área: Quem fala? Para quem fala? Onde fala? Quando fala? Quais as intenções de quem fala? Por que fala? Como fala? O que transmite como mensagem, mas não verbaliza? etc. As pessoas não comunicam todas da mesma maneira, embora haja pontos comuns entre os falantes de uma comunidade e importa conhecê-los.

Nestes pressupostos, a temática do presente estudo é a linguagem da sexualidade e vem na sequência de dois trabalhos que relacionaram a Linguística com a Literatura, sendo este o domínio de eleição de Ana Margarida Falcão, a quem se dedica este estudo. Reportam-se, mais precisamente, a uma abordagem linguística de dois textos literários, isto é, um português: *O Dragão de Fumo* de João Aguiar (um escritor com dificuldades em assumir o discurso de personagens femininas)¹ e outro francês: *Mémoires d'Hadrien* de Marguerite Yourcenar (uma escritora que assume o discurso de uma personagem histórica masculina, usando a primeira pessoa do singular)². Aliás, o interesse pela construção discursiva do feminino em geral, e em particular na obra de João Aguiar, foi motivo de um convite de Ana Margarida Falcão para participar, com ela, numa emissão radiofónica, nas instalações da Antena 1-Madeira, há alguns anos, num programa que conduziu com afinco, competência e profissionalismo, características próprias da sua personalidade. Dedicou-se-lhe, por isso, este texto que, no essencial, resulta de uma comunicação apresentada numa sessão de formação do programa ESA (Educação para a Sexualidade e os Afectos)³. A Literatura não é propriamente o alvo deste estudo, que tem alguma relação com ela, sobretudo pelos textos (crónicas, reportagens, publicidades, sinopses, etc.) publicados em revistas de divulgação alargada que motivam a reflexão, não se cingindo a eles.

A propósito de Literatura e sexualidade, é possível verificar que esta arte sempre foi um meio de educação sexual. Muitos exemplos poderiam ser dados, desde os amores de Júpiter ao incesto (in)voluntário atribuído a Carlos da Maia, desde o rapto da grega Helena às “sombras” de Grey, que, inesperada e ultimamente, tem tido grande publicidade mundial. Foi lançado no Dia dos Namorados de 2017 (o que exigiria um estudo sociológico), mais uma adaptação cinematográfica de um dos volumes desta saga, ainda não lida, pese embora a fama adquirida, mas em que os papéis da mulher e do homem (as personagens centrais) merecem análise. Os livros, essencialmente romances de grande ou

¹ Cf. Helena Rebelo (2000). “O Sexo da Linguagem. Breve Estudo Baseado em *O Dragão de Fumo* de João Aguiar”. Uma das conclusões deste estudo foi a seguinte: “(...) só posso concluir, pelos dados apresentados, que a linguagem não tem sexo e que um escritor, quando fala em nome de uma personagem feminina ou masculina, usa a mesma linguagem - a linguagem humana.” e, portanto, a língua portuguesa não é nem masculina, nem feminina. É assexuada, mas tem género gramatical.

² Cf. Helena Rebelo (2011) “Reflexões em Torno de Sexo, Género, Língua e Literatura. Questões Culturais de Hegemonia”. Uma das ideias defendidas foi que a língua não é nem machista, nem feminista. Sendo elástica, ou seja, maleável, permite expressar as diversas forças hegemónicas que vão tendo relevância social e cultural, incidindo sobre a língua e moldando-a consoante os seus interesses.

³ O Programa ESA está ligado à Secretaria Regional da Educação da Madeira. Tem o lema Educação, Saúde, Sexualidade, Cidadania. A palestra intitulou-se “A Linguagem da Sexualidade. Dizer em vez de Calar ou Subentender” e foi uma comunicação apresentada no decorrer da formação datada de 2016-02-20.

pouca qualidade, pelos comportamentos das personagens, transmitem uma mundivisão sexual das épocas que retratam, constituindo, nos períodos em que surgem, uma forma de educação sexual com aprendizagem do público leitor. Na impossibilidade de usar, aqui, para demonstração, um romance, mas para fazer uma ponte entre a imprensa e a Literatura, retoma-se, a sinopse ao livro de E. L. James, *As Cinquenta Sombras de Grey*, publicada numa revista de difusão alargada como a *Continente Magazine*⁴. Poderá ter sido escrita por uma mulher, como o próprio livro. No entanto, transmite, pela linguagem que usa, uma visão machista da relação amorosa. Na sinopse, o verbo empregue para expressar o desejo do homem, Christian Grey, é “possuir” (“Ele quer desesperadamente possuí-la.”). Ainda não mudaram suficientemente as mentalidades para que se empreguem outros verbos que indiquem igualdade. A mulher continua a ser uma “coisa” que o homem “possui” como outro bem qualquer, sendo ele o agente porque possuidor.

Portanto, a “educação sexual comunitária” vai-se fazendo ao sabor de tendências, sendo os grupos predominantes que ditam as suas visões do assunto, consoante tenham ou não poder, embora persistam outras. Diferentes pontos de vista são concomitantes: há uma visão “tradicionalista”, com preconceitos, a par de uma “moderna”, sem preconceitos, não deixando, todavia, de “coisificar” a mulher. É sabido que as mentalidades mudam lentamente. Educar para a igualdade das pessoas – mesmos direitos e mesmos deveres enquanto cidadãos – ultrapassa as ideias generalizadas que, por vezes, passam nas linhas e, por outras, perpassam nas entrelinhas dos textos publicados, nomeadamente na imprensa, inclusive numa simples sinopse. Educar para a igualdade implica, essencialmente, aprofundar o estudo da língua materna. É o que se defende aqui. A cidadania exerce-se, acima de tudo, pela palavra.

Com este ensaio linguístico, pretende-se homenagear Ana Margarida Falcão, enquanto mulher e defensora da igualdade, com quem se tiveram conversas sempre interessantes sobre os mais variados assuntos. Era uma conversadora nata, de raciocínio ágil e sem preconceitos nas discussões. A liberdade de expressão e o respeito pelo raciocínio alheio eram constantes de um modo de estar afável, repleto de carinho no trato interpessoal. Por isso, como se fosse uma amena conversa com ela, são-lhe dedicadas estas páginas. Resultam de uma reflexão geral sobre a linguagem da sexualidade na sociedade portuguesa hodierna, muito avançada, mas, frequentemente, retrógrada, em que subsiste uma tendência para uma bipolaridade, como se procurará demonstrar. Por um

⁴ Cf. “Sugestões de Leitura”, in revista *Continente Magazine*, nº 41, Fevereiro de 2014, ano 4, p. 9.

lado, pretende que cada cidadão seja livre, assumindo-se como é, no respeito pelos outros, o que obriga ao controlo de si. Por outro, paradoxalmente, estimula à realização individual, custe o que custar, o que poderá levar (uma inevitabilidade?) ao desrespeito pelos outros para satisfação própria. A dualidade destas tendências que enunciam a problemática a tratar manifesta-se na linguagem, que parece ir da euforia à disforia, ou seja, do bem-estar ao mal-estar, sendo, por vezes, difícil encontrar os limites que separam estes dois extremos, apesar de um ser encarado como luminoso e o outro como sombrio, da mesma maneira que no contínuo temporal em que se passa do dia (a sexualidade diurna e permitida pelos afectos) para a noite (a sexualidade nocturna, escondida e proibida pela transgressão) e, desta, àquele. Estas duas facetas da sexualidade reencontram-se na linguagem. Os meios de comunicação, sobretudo a imprensa e, nomeadamente, as revistas, são exemplo disso.

2. Linguagem da Sexualidade e Meios de Comunicação Social

Observar a linguagem pública porque mediática usada para a sexualidade, essencialmente nos meios de comunicação social como jornais e revistas de ampla circulação, é um exercício que evidencia uma mundividência comunitária, apesar de ser um assunto pessoal. A educação sexual é feita quotidianamente na imprensa, por vezes de modo sub-reptício, com muitos subentendidos. A linguagem da sexualidade perpassa diariamente nos *mass media*, ou seja, manifesta-se em notícias, crónicas, sinopses de filmes ou livros, entre outros meios. Ocorre em legendagem de fotografias ou desenhos que ilustram artigos, publicidades, etc. A recorrência do tema é reveladora da importância que tem, reaparecendo sistematicamente em revistas semanais de divulgação alargada. Todavia, há-as de âmbito geral menos conhecidas que parecem evitar o assunto. É o que se verifica, por exemplo, numa revista trimestral como *Montepio*, destinada aos sócios da Associação Mutualista, abordando uma multiplicidade de temas para contemplar todos os gostos. Entre 2010 e 2016, é contabilizado apenas um artigo explicitamente dedicado à temática da sexualidade, embora integrado num maior sobre a igualdade⁵. No entanto, sem contar com os “pequenos anúncios” que alguns jornais publicam, na imprensa portuguesa geral, incluindo os jornais desportivos, nas revistas femininas ou masculinas,

⁵ Ocorre no número da revista sobre o tema mais geral da “Igualdade”, que surge enunciado na capa, a propósito de uma entrevista a Catarina Marcelino, Secretária de Estado para a Cidadania e a Igualdade. Trata-se de uma reportagem intitulada “Orientação Sexual: Rumo à Felicidade”, in *Montepio*, nº 20, Primavera de 2016, pp. 20-23.

têm surgido constantes referências ou alusões à sexualidade, abordadas e apresentadas de maneira diversa, o que é verificável na linguagem empregue. Se, a título exemplificativo, num breve exercício de comparação, se cotejarem o último número de 2016 das revistas relativamente recentes no mercado editorial português, mas que replicam publicações estrangeiras, *Men's Health* (Saúde dos Homens) e *Women's Health* (Saúde das Mulheres), é evidente o interesse da temática e da relação que os editores estabelecem entre “sexo” e “saúde”. Aí, pode comprovar-se a bipolaridade da linguagem da sexualidade, havendo nas duas revistas, por um lado, a vertente “luminosa”, que pode ser associada à corrente “mindfulness” (teoria baseada na meditação oriental), e, por outro, a (mais ou menos) “sombria”, ligada às fantasias sexuais (para os homens: “pecados” [sic] a concretizar pelo menos uma vez na vida e, para as mulheres, não haver limites para fantasiar e chegar ao orgasmo). É um detalhe linguístico importante haver uma menção explícita a “sexo” na capa da revista masculina e esta não constar da da feminina. Não será um acaso, já que, na destinada às mulheres, a palavra “sexo” ocorre quer na folha de rosto, quer no índice. Porém, na capa, figura somente a palavra “sexy”. Assinalado o detalhe, não cabe aqui o seu estudo, mas realça-se o diferente tratamento de “sexo”, para homens e mulheres.

Analisar a linguagem empregue na imprensa portuguesa, mais ou menos conhecida, para referir a sexualidade é um exercício linguístico, levando, inevitavelmente, a uma interpretação cultural e social dos materiais recolhidos, que, apenas na última década, têm sido inúmeros porque, no seu todo, dificilmente, contáveis. Compilaram-se alguns e, com base neles, desenvolve-se esta reflexão. É impossível citar todos, mencionando-se apenas um número muito reduzido (cf. Referências Bibliográficas). Está, porém, comprovado que os meios de comunicação social “falam” quotidianamente sobre o tema e, por isso, recorrem à linguagem da sexualidade. Aí, os subentendidos continuam presentes, como na interdependência entre “saúde” e “sexo” indicada *supra*, em que é sugerido que: “Para haver saúde, terá de haver sexo.”, “Sexo é saúde.”, “As fantasias sexuais, sejam elas quais forem, devem concretizar-se.”, etc. Portanto, na linguagem mediática, nem tudo é dito, ficando subentendida uma mensagem que merece análise, o que acontece na publicidade que mantém muitos estereótipos bem visíveis linguisticamente. Nas imagens e fotografias, persistem ideias feitas, que se reencontram, no essencial, na televisão ou na Internet. Este novo meio é um instrumento de interesse para a temática e a problemática, mas não cabe aqui. Quanto à televisão, para

não citar a rádio que também trata do assunto⁶, além dos programas da manhã e da tarde com rubricas sobre a sexualidade, das telenovelas, dos filmes e de outros programas, menciona-se a publicidade. Quem não se lembra dos recentes anúncios protagonizados pelo ex-jogador de futebol Futre? Num, no da metáfora do “motor do carro”, aparece ladeado por várias mulheres, a fim de vender uma substância tida como eficiente para combater a disfunção erétil. Os subentendidos, ligando a potência sexual do homem à potência do motor do carro (ainda hoje o automóvel é visto como um apêndice masculino), evidenciam que o homem “para ser homem” tem de ter várias mulheres esbeltas e sexualmente apelativas. A virilidade e a masculinidade estão aqui, ainda hoje, em franca oposição com a feminilidade estereotipada. Aliás, nesses anúncios, ele fala e elas não, sendo apenas figuras decorativas. Esta publicidade com fins comerciais, aparentemente inofensiva, valoriza o sexo entre vários parceiros – um homem e muitas mulheres – (uma visão disfórica ou eufórica?), centrando-se unicamente nas vendas. Contraria qualquer tentativa de educação sexual para os afectos. Passa em horário nobre, sendo a sua mensagem explícita, feita de subentendidos, estes interiorizados por crianças, jovens e adultos, parecendo não perturbar ninguém. Este ponto de vista da sexualidade sobre a masculinidade e a feminilidade perpassa em todos os meios de comunicação, sobretudo nas revistas classificadas como “cor-de-rosa”, mas não só. Pensando sobre o assunto, numa análise sistemática desta matéria, infere-se que os meios de comunicação, assim como a Literatura, são uma das fontes principais da educação sexual, sobretudo feminina, mas também masculina, na sociedade hodierna. Veiculam informação expressa, além de subentendidos, nos textos que publicam e nem todos os leitores têm a capacidade de se defenderem, lendo nas entrelinhas. Falta-lhes, entre outros instrumentos, alguma competência linguística para não assimilarem a mensagem (os ditos e os não ditos) sem a desconstruírem.

Por exemplo, socialmente, nas últimas décadas, porventura desde que a Organização Mundial de Saúde deixou de considerar a homossexualidade uma doença, e está prestes a tirar desse rol a transexualidade (Carolina Reis, 2017), tem havido uma preferência pela palavra “género” em detrimento de “sexo”. Todavia, ela não traz nada de novo, nem permite, por si só, evitar discriminações. Trata-se, no fundo, de uma mudança linguística que pretende substituir critérios biológicos ou anatómicos de diferenciação por critérios psicológicos. A igualdade entre as pessoas não apaga as suas

⁶ O psiquiatra e sexólogo Júlio Machado Vaz, um dos pioneiros, em Portugal, a falar de sexualidade na televisão, passa na Antena 1, diariamente, num programa de minutos para continuar a abordar a temática.

diferenças, sejam elas físicas, educacionais, económicas, etc. É um lema sobejamente conhecido o “todos diferentes, todos iguais”. A nível lexical, não parece trazer nada de novo a substituição de “sexo” por “género” e contradiz mesmo uma realidade. Quando se procede a um levantamento lexical de palavras da mesma família, a partir de artigos de imprensa e de dicionários (cf. Tabela 1), é evidente concluir que “sexo” tem mais relevância que “género”, mesmo não se fazendo um levantamento exaustivo do vocabulário existente. No entanto, sendo quase uma pressão social, a pretensão de evitar o vocábulo “sexo” é tão forte que origina expressões curiosíssimas, pela inerente contradição, como a de “género sexual” (Isabel Leal, 2010), ou seja, “sexo”. Observar a evolução da linguagem da sexualidade é muito importante e as modas linguísticas também.

Tabela 1: Alguns termos e expressões derivados de “sexo” e “género”

SEXO	GÉNERO
“assexual” “heterossexual” (= “hetero”) “bissexual” (= “bi”) “homossexual” “sexual” “sexualidade” “transexual” “unissexo” etc.	“transgénero” “igualdade de género”

Os registos de língua com incidência social são importantíssimos a este nível. Por exemplo, a expressão “a boca do corpo” usada ainda hoje por idosos pouco escolarizados portugueses para designar “vagina” pode surpreender os mais jovens. Todavia, retomando uma designação científica da área da Sexologia, a expressão “lábios vaginais” remete de igual modo para a cavidade bucal, antecedida da cavidade bilabial. Desta maneira, a mesma imagem vem expressa na linguagem popular e na linguagem técnica dos sexólogos. Portanto, há marcas culturais, sociais e históricas na linguagem da sexualidade. A expressão “mulheres de conforto” que surgiu para designar as mulheres abusadas (violentadas e violadas) por soldados japoneses em período de guerra é exemplo disso. A tradução portuguesa emprega o substantivo “conforto”, que, sendo positivo para os soldados (euforia e bem-estar), não o era para as mulheres, marcadas pela agressão até ao fim da vida (disforia e mal-estar). Há muitos outros exemplos a considerar. As

definições dicionarizadas (cf. Houaiss, 2001) de substantivos como “donzel”, ligando-se a “donzelo”, e “donzela”, distinguindo-se de “dona”, evidenciam que os sentidos primeiros de “donzel” e “donzela” nada tinham a ver com a sexualidade. No entanto, progressivamente, ganharam-nos. Dos quatro vocábulos, ficou em uso corrente apenas “dona”, perdendo o sentido sexual, numa forma de tratamento associada ou não a “senhora”: “D. Ana” ou “Senhora D. Ana”. As alterações culturais, ligadas ao evoluir dos tempos, inclusive a nível da sexualidade, trazem mudanças que se repercutem no idioma. Os níveis de língua multiplicam os vocábulos ligados à sexualidade. O calão sexual é, porventura, mais empregue do que os termos técnicos e é amplamente usado, segundo parece, na linguagem juvenil, tida, todavia, como muito pobre.

3. Linguística e Sexualidade

Pelo exposto, contrariamente aos que pensam na inutilidade da Linguística, considera-se que esta ciência tem aplicações muito práticas e uma delas é dar mais qualidade de vida às pessoas, que, compreendendo a linguagem da comunidade, através dos estudos dos linguistas, a podem usar de forma mais adequada para a sua participação em grupos, a favor da igualdade e da cidadania. Acredita-se que muitas manifestações de violência nas relações interpessoais, como a do namoro, se devem a problemas linguísticos individuais. Defende-se, por isso, que se deve fazer tudo para incrementar as competências linguísticas e metalinguísticas dos falantes. Todos deveríamos trabalhar neste sentido, mormente os agentes educativos. Embora ocasionem desentendimentos, é incontestável que as palavras servem para os entendimentos. Também podem iludir, enganar, mas isso é desvirtuar a função primeira da linguagem verbal: “comunicar” significa “partilhar” porque é “pôr em comum” e constrói a comunidade. Nesse caso, é imprescindível prestar atenção aos sinais (incongruências, mentiras, sobrevalorização de detalhes, etc.) e à linguagem da sexualidade no seu todo. Este procedimento implica muito mais falar do que calar ou subentender porque, devido a vários motivos, o campo da sexualidade com divulgação mediática configura-se como um mundo de contradições entre “o que se diz”, “o que se quer” e “o que se faz”.

A análise linguística obriga a questionar a terminologia que a comunidade vai empregando, inclusive na área da sexualidade, que tem incidências no domínio do Direito, embora passe, primeiro, pelo da Linguística. Muitas são as reflexões que se podem realizar. A temática nem sempre é pacífica, devendo motivar uma análise linguística alargada. Eis alguns casos para pensar, todos eles extraídos dos meios de comunicação

social, em particular da imprensa. Por que razão tende a haver uma preferência na pronominalização de “casar” (“casar-se”), quando o pronome parece, aparentemente, ser desnecessário? Se se distingue entre “união de facto” e “casamento”, será que, neste, não há uma “união de facto”? Levaria a pensar num “casamento branco”. Até que ponto aquela expressão foi bem escolhida? A sequência “a minha mulher” tem paralelo em “o meu marido”. Julgar-se-ia que revelam igualdade, mas por que razão o termo “mulher”, contrariamente a “marido”, possui mais sentidos, inclusive “ser de sexo (ou género) feminino”? Como foi ganhando estes sentidos ou o que levou a comunidade a estabelecer os pares “homem”-“mulher” e “marido”-“mulher”? O que acrescentam vocábulos como “parceiro(a)” ou “companheiro(a)” a “esposos”? Que diferenciara “amante”, “amigo” e “amigo colorido”? Estará o vocábulo “amizade” a ganhar novos sentidos? Até que ponto há sinonímia entre “pais” e “progenitores”? Segundo as notícias que vão surgindo, os pedidos para “testes de paternidade” têm sido cada vez mais frequentes. Será porque nem todos os pais assumem a paternidade? Dizer, então, “ser pai” e usar o termo “paternidade” pode, semanticamente, não ter sempre correspondência? No passado, a expressão “filhos bastardos” era muito usada e identificava os “filhos legítimos”, o que hoje continua a ser realidade, mas as expressões têm sido matizadas em perífrases como “filhos nascidos fora do casamento” ou “filhos de pai incógnito”. Que conotações terão adquirido “bastardo” e “ilegítimo”? Múltiplos termos e expressões têm surgido para designar vivências impensáveis no passado. É o caso de “barriga de aluguer”, que já não choca quem se habituou a ela, evidenciando que é possível “alugar” uma “barriga”⁷. Aqui, “alugar” pressupõe um potencial negócio com contrapartidas financeiras? A diferença entre “ser feliz” e “estar feliz” é evidente, mesmo envolvendo uma distância ténue. Acontecerá de modo idêntico com “fazer amor”, “fazer sexo” e “ter sexo”? O eufemismo televisivo “canais para adultos” comporta subentendidos, apagando o termo “pornográfico”. Porquê? Na bipolaridade da linguagem da sexualidade, o que leva a aceitar mais o qualificativo “erótico” do que “pornográfico”? No domínio da sexualidade, empregam-se muitos estrangeirismos. É o caso de “voyeur”. Há alguns que sofrem adaptações como “deboche” (débauche) ou uma mudança de género: “um affaire” (cf. Sue Johnson, 2009).

⁷ Na sociedade contemporânea ocidental, a barriga feminina equivale a “maternidade”. É comum ouvir frases como “Deixa ver a tua barriguinha.”, “Já se vê a tua barriga.” ditas a mulheres grávidas. Não são raros os casos das modelos, cantoras, etc., que são descritas nas revistas, e noutros meios, como estando grávidas, se, eventualmente, têm um pouco de barriga. O que é normal (ter barriga) passou a não o ser, numa cultura que enaltece a magreza como padrão de beleza feminina e tende a “combater” a maternidade para defender o direito da mulher a não ter filhos (cf. o número da revista *Women's Health* supra referido).

Outros têm equivalentes portugueses, mas são preferidos os estrangeirismos. Sucede com “gay”, que, numa análise geral à imprensa, é mais empregue do que “homossexual” (cf. Nuno Silva Miguel, 1990: “homens homossexuais” e “mulheres homossexuais”). Como explicar o uso preferencial que aparece, por exemplo, na sigla LGBT (Lésbicas, *Gays*, Bissexuais e Transexuais)? Os “amantes” são, quanto à definição, “os que amam algo”. Todavia, o vocábulo também significa “os que são infiéis”. Comporta o primeiro sentido um valor positivo, enquanto o outro é negativo porque próximo de “traição”? Esta dupla vertente é sinal de uma dualidade (uma bipolaridade) frequente no âmbito da sexualidade. Muitos outros casos, além destes facultados, poderiam ser enunciados. A reflexão em torno do vocabulário da sexualidade não se esgota nestas questões linguísticas, que também são culturais, políticas, sociais, etc.

A título exemplificativo, recentemente, em Portugal, foram criminalizados os piropos ofensivos (faceta sombria, indicando disforia). No entanto, há quem considere que os piropos são sempre inofensivos (faceta luminosa, assinalando euforia, cf. Houaiss, 2001: sinónimo de “galanteios”). Certas contendas com motivações culturais são de difícil resolução. É o caso da excisão genital feminina que continua a ser para uns uma prática cultural e para outros um crime. Relativamente aos piropos, por tradição, na sociedade ocidental, é o homem quem diz piropos a mulheres de qualquer idade. Pressupõe-se que elogia a beleza, já que está implícito que as mulheres têm de ser belas, embora o conceito de “beleza” não seja consensual. Há algum tempo, o canal francês TV5 Monde transmitiu, num noticiário de France 2, uma experiência invertendo os papéis, gravando o facto em câmara escondida: os piropos eram ditos por uma mulher a um homem, na rua, continuando ela a caminhar e repetindo o feito sucessivamente aos homens que ia ladeando, sem eles se aperceberem da encenação. A surpresa estampada nos rostos masculinos era visível pelo inusitado da situação. Nesta dramatização, as palavras não tinham grande importância porque o que se pretendia era a inversão de papéis e observar o comportamento masculino. A temática linguística dos piropos, assim como procurar compreender o seu alcance criminal, distinguindo os piropos ofensivos dos inofensivos, mereceria uma análise linguística aprofundada. Antes de ser um tema do foro da Justiça, é-o, como fica claro, do âmbito da Linguística. Por exemplo, os seguintes, colhidos junto de alguns jovens portugueses: “Os teus pais são uns terroristas. Têm uma filha que é uma bomba!”, “Se a beleza fosse crime, apanhavas prisão perpétua.”, “Eu levava-te às nuvens...”, “És boa como o milho!” e “Comia-te toda, nem os ossos escapavam.” revelam uma linguagem metafórica. Nos dois últimos, a metáfora da comida

é evidente. Há, porém, uma grande distância entre eles, visto que o derradeiro atinge os limites do canibalismo, socialmente condenável. Portanto, quem é alvo dele não pode sentir conforto, ao ouvi-lo.

Como o piropo remete para uma situação particular de comunicação, pode não constituir uma ameaça física, embora seja verbal, uma vez que não passará do plano das palavras, apesar de nada garantir que seja sempre assim. Aliás, os números da criminalidade relativamente à violência doméstica (cf. Rita Carvalho, 2015) e no namoro (cf. notícia breve sobre o inquérito da UMAR a 2500 jovens: “32 por cento dos rapazes acha legítimo exercer violência sexual (...). Apenas 14 por cento das raparigas têm a mesma opinião, *Expresso*, 2016-02-13) têm aumentado, procurando as entidades competentes combater este tipo de agressão (Joel Balsanha, e Patrícia Jesus, 2010). Sabe-se que, numa escala de intensidade, a violência verbal antecipa a violência física. À partida, na situação de comunicação padronizada do piropo, o emissor (homem) desconhece o receptor (mulher). A mensagem com subentendidos é, frequentemente, sussurrada, dita entredentes, quase inaudível, sendo uma mensagem muito breve. Pode ser uma frase feita ou resultar de uma produção espontânea. Em princípio, não espera por resposta verbal ou comportamental, apesar de poder existir. Os piropos (distintos dos elogios, embora, frequentemente, apenas se associem a galanteios) são, muitas vezes, metafóricos, mas também usam uma linguagem mais vulgar, injuriosa, envolvendo os chamados “palavrões”. Nos piropos, parece haver uma clara motivação sexual, que se traduz numa abordagem comunicativa *sui generis*. No fundo, é um processo de comunicação problemático e não corresponde, realmente, a um modo de comunicar regular. Não é diálogo e também não é monólogo ou solilóquio. A análise das motivações tende a revelar um sintoma de real incapacidade comunicativa por parte do falante que o profere porque não é capaz (ou não quer?) apresentar outra abordagem. Isso também acontece com quem não tem domínio linguístico suficiente para empregar mais do que palavrões e calão para falar de sexualidade. Estudar os piropos possibilita compreender que uma sexualidade sem verbalização gera problemas que teriam solução, se fossem ditos, comunicados, no devido tempo e lugar, sem “ameaçar” a pessoa a quem se destina a mensagem. Seria imprescindível dar-lhe espaço e tempo para responder. Implicaria não a “apanhar” de surpresa. Porém, no processo comunicativo específico do piropo, quem fala está motivado apenas pelo próprio interesse, sem ter em conta o da pessoa para quem (e não com quem) fala. O bem-estar do emissor, a sua euforia, contrasta com um, quase certo, mal-estar da ouvinte, vivenciando uma potencial disforia. Porventura, os

subentendidos estarão na origem desta diferenciação. Subentende-se que o homem é forte e a mulher fraca. Subentende-se que o homem tem o poder de falar e a mulher o dever de calar. Subentende-se que o homem é agente e a mulher paciente. O piropo é uma abordagem sexual evidenciada ou camuflada através de recursos estilísticos, indo do galanteio inofensivo ao ofensivo insulto. Estudar a linguagem da sexualidade, nomeadamente os piropos, permite compreender “o que se diz” e ligá-lo com “o que se quer dizer”.

As palavras são extremamente importantes. Há-as com significação cristalizada. No entanto, outras vão evoluindo, ganhando novos sentidos e passando por mudanças. Os valores pejorativos podem desaparecer de alguns vocábulos e outros podem ganhá-los. O vocabulário que figura num dicionário de língua geral é vasto e, sendo a sexualidade um campo em aberto, muitos se lhe vão juntando, embora nem todos (sobretudo palavrões) estejam, dicionarizados. Identifica-se algum vocabulário geral presente no Houaiss (2001): “adultério”, “afrodisíaco”, “amor”, “bigamia”, “casal”, “casamento”, “ciúme”, “cônjuge”, “erotismo”, “fidelidade”, “incesto”, “infidelidade”, “libertinagem”, “luxúria”, “monogamia”, “paixão”, “poligamia”, “tabu”, “pudor”, “ninfomania”, “pedofilia” e “pornografia”. Olhando para este breve apanhado de vocábulos, aleatoriamente escolhidos, é possível identificar dois grupos distintos e gerais: um de valor positivo (eufórico e luminoso – indiciando uma “boa sexualidade”: “amor”, “casal”, “cônjuge”, etc.) e outro negativo (disfórico e sombrio – apontando para uma “má sexualidade”, podendo ter repercussões criminais: “infidelidade” (pelo prefixo de negação “in-”), “pedofilia”, “poligamia”, etc.). Alguns podem posicionar-se entre os dois conjuntos, constituindo um ponto de intersecção, porque dependem do contexto em que se usam. Por exemplo, segundo a observação que se tem vindo a fazer a partir dos meios de comunicação social, o vocábulo “casamento” estará a passar, cultural e socialmente, de um conjunto para o outro, havendo quem o compare, negativamente, a um “aprisionamento”, e o mesmo pode suceder com “paixão” em ocorrências como “uma paixão doentia”. O uso destes termos, assim como de qualquer outro, dependerá, então, da situação de comunicação, interligando-se com uma destas duas facetas da sexualidade. É como se houvesse uma permanente bipolaridade com reflexos linguísticos: uma sexualidade “boa” porque proporciona bem-estar, sendo eufórica e luminosa, e uma sexualidade “má”, disfórica e sombria, que causa mal-estar. Convém ressaltar que, por vezes, para uns, ela terá uma vertente e, para outros, a outra (cf. “mulher de conforto”). Contudo, no geral, uma é aceite e a outra é marginal, tendo ambas vocábulos que integram

esses conjuntos. Socialmente, pelos ditos, defende-se a luminosa, mas, pelos não ditos ou pelos subentendidos, subsiste a sombria que alguns querem “aclarar” (cf. as revistas sobre saúde indicadas *supra*, que propõem a ideia da concretização das fantasias sexuais, sejam elas quais forem, contrariando a noção de “fantasia” que remete para “imaginação”).

O campo do humor e das anedotas (Maria João Caetano, 2010), em que os sentidos duplos e as figuras de estilo predominam, é uma área linguística em que mais prolifera a linguagem da sexualidade. A comédia continua a fazer rir o público pelos subentendidos sexuais, o que revela haver ainda muitos preconceitos. Aí, os palavrões são um caso curiosíssimo. Ao observar um conjunto lexical constituído por palavrões, incluindo o que figura em dicionários gerais ou dedicados à temática (Robert Edouard, 1967), uma das conclusões que se impõe é que a maioria dos insultos e dos palavrões incide sobre a sexualidade. Por exemplo, o vocábulo feminino “cabra” e o masculino com sufixo aumentativo “cabrão” designam, num primeiro plano, animais. No entanto, na linguagem da sexualidade, e no anedotário, ganham sentidos pejorativos, tornando-se insultos. Contrariamente a “cabra”-“cabrão”, já que ambos podem ser ou não ser palavrões, no Português Europeu, enquanto o vocábulo masculino “puto” se usa essencialmente para “criança” (sobretudo rapazes: cf. “putto”), o feminino, que terá a mesma origem latina, é o equivalente popular de “prostituta”. Logo, o feminino e o masculino nem sempre são, linguisticamente, equivalentes⁸. Uma sociedade em que, de um vocábulo que significa “menina”, e a que se adicionou o sentido de “mal cheirosa”, se passa para “prostituta” revela sintomas de uma sexualidade doentia, com o bem-estar de uns a causar o mal-estar de outros. Aí, o tratamento das mulheres acaba por ser pior (no sentido de mais insultuoso) do que o dos homens. A desigualdade ainda é evidente aqui. Muitas vezes, o insulto dirigido ao homem é destinado à mãe ou à esposa, à irmã ou à filha, visto que a sociedade hodierna, como a do passado, aceita mais um homem com várias mulheres (cf. anúncio televisivo em que a virilidade é um “motor”) do que uma mulher com vários homens. Trabalhar para a igualdade é falar explicitamente destas ideias, identificando-as, no sentido de compreender o que é a fraternidade, a liberdade e a igualdade entre as pessoas, entre os cidadãos, sejam homens ou mulheres. Somos pessoas, antes de sermos o que dizemos ser, inclusive a nível sexual.

⁸ Observem-se os casos de masculino/ feminino não equivalentes de “rio”/ “ria”, “ribeiro”/ “ribeira”, “pêro”/ “pêra”, “banco”/ “banca”, etc. Com frequência, o feminino ganha um sentido de “maior” (com maior amplitude) e o masculino de “menor” (com menor amplitude). Os valores linguísticos do feminino e do masculino parecem ultrapassar a problemática sexual.

A bipolaridade da sexualidade, que é uma evidência passada e presente, teve e tem reflexos na linguagem. Obriga a nunca perder a capacidade de reflexão, essencialmente linguística, já que os sentidos das palavras vão cambiando devido às alterações sociais, como os meios de comunicação evidenciam. No futuro, poderá continuar a ser assim. Todavia, defende-se (e poderá parecer utópico) que, quanto mais os jovens falantes forem educados para a cidadania e a igualdade, mais tenderá a diminuir. Isso passa também por conhecer melhor a língua materna e as suas potencialidades expressivas. A existência de programas educativos como o ESA é fundamental para que a sexualidade seja encarada pela positiva, isto é, com naturalidade e sem subentendidos. A violência (sexual ou não) no namoro, no seio familiar, no espaço escolar e na sociedade em geral extinguir-se-á progressivamente com o aumento da educação, do conhecimento de si e do respeito pelos outros. Os subentendidos, os piropos, os palavrões e as injúrias não têm lugar, quando se é capaz de, antes de agir, expressar o que se é, o que se sente, o que se quer, dando tempo ao outro, ouvindo-o a expressar o que é, o que sente e o que quer, mesmo se o vocabulário é inapropriado porque não há domínio de outro. A comunicação, ou seja, a partilha linguística própria do intercâmbio verbal, é o caminho para a igualdade entre as pessoas, seres sexuais e sociáveis, usando a linguagem, incluindo a da sexualidade, para se entenderem. Assim, haverá uma convergência de vontades, numa unipolaridade. Neste sentido, a Linguística e a Literatura têm um papel fundamental a nível educacional e os meios de comunicação social, em particular a imprensa, também.

Referências Bibliográficas

- BALSANHA, Joel e JESUS, Patrícia (2010) “Campanha contra a Violência no Namoro Chega a Alunos de Seis Anos”, in *Diário de Notícias*, 08-03-2010, 18.
- CAETANO, Maria João (2010) “O Humor de Bocage, Cesariny e O Meu Pipi. Espectáculo. ‘Que vergonha, rapazes’ de Miguel Guilherme, terça e quarta no Maxime”, in *Diário de Notícias*, 14-04-2010, 45.
- CARVALHO, Rita (2015) “Um Terço dos Homicídios São [sic] Passionais”, in *Sol*, edição nº 450, 2015-04-10, 14-15.
- Continente, “Sugestões de Leitura”, in revista *Continente Magazine*, nº 41, Fevereiro de 2014, ano 4, p. 9.
- EDOUARD, Robert (1967) *Dictionnaire des Injures*, Paris, Tchou Éditeur.
- Expresso*, notícia breve sobre o inquérito da UMAR a 2500 jovens, *Primeiro Caderno*, 2016-02-13, 27.
- HOUAISS, A. e VILLAR, M. S. (2001) *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva.
- JOHNSON, Sue (2009) “Abraça-me com Força”, in *Notícias Magazine*, adaptação de *Psychologu Today*, *Tribune Media Services*, 2009-02-08, 40-45.

- LEAL, Isabel (2010) “Papéis de Género”, na rubrica “Psicólogo de Serviço. Outras Leituras”, in *Notícias Magazine*, 2010-03-07, 80.
- MIGUEL, Nuno Silva (1990) *Os Jovens e a Sexualidade*, s/l, edição conjunta: Instituto da Juventude, Comissão da Condição Feminina-Presidência do Conselho de Ministros, Comissão Nacional de Luta contra a Sida-Ministério da Saúde, Projecto Vida.
- REBELO, Helena (2011) “Reflexões em Torno de Sexo, Género, Língua e Literatura. Questões Culturais de Hegemonia” in *Agália. Revista de Estudos na Cultura*, número monográfico *Línguas, Desigualdade e Formas de Hegemonia*, coordenado por Celso Álvarez Cáccamo, Universidade da Corunha, nº 104, 2º semestre de 2011, 101-122.
- REBELO, Helena (2000) “O Sexo da Linguagem. Breve Estudo Baseado em *O Dragão de Fumo* de João Aguiar” in *O Feminino nas Línguas, Culturas e Literaturas*, Funchal: Centro METAGRAM – Universidade da Madeira – CITMA – Fundação Calouste Gulbenkian, 359-373.
- REIS, Carolina (2017) “Médicos Recusam Fazer Cirurgia de Mudança de Sexo sem Diagnóstico”, in *Primeiro Caderno, Expresso* de 2017-01-07, edição nº 2306, 20-21.
- VIEGAS, Helena e TORRÃO, Susana, “Orientação Sexual: Rumo à Felicidade”, integrado em “Igualdade. Todos Diferentes, Todos Portugueses.” in revista *Montepio*, nº 20, Primavera de 2016, 20-23.

PRÉMIO MUNICIPAL MARIA AURORA - PROPOSTA DE CANDIDATURA

Investigação e Estudo

Maria Dias

I. Título

Título da investigação: A LINGUAGEM DA SEXUALIDADE. CONTRIBUTO DOS ESTUDOS LINGUÍSTICOS PARA A IGUALDADE E A CIDADANIA

Título do estudo a publicar num volume de homenagem a Ana Margarida Falcão e inserido na investigação em desenvolvimento: A BIPOLARIDADE DA LINGUAGEM DA SEXUALIDADE. SUBENTENDIDOS, PIROPOS, PALAVRÕES E OUTROS ELEMENTOS LINGUÍSTICOS

II. Interesse da proposta - sumário

A linguagem humana é estudada pela Linguística e é o pilar fulcral – a pedra basilar – de qualquer comunidade, que se constitui em torno de uma língua. É o idioma que cimenta os laços comunitários, consolidando a sociedade. A comunicação, essencialmente através da linguagem verbal, possibilita a vivência em sociedade e estreita os laços entre os cidadãos. Estudar a linguagem comunitária, nomeadamente no que se prende com a sexualidade, leva a compreender o que fomenta (ou dificulta) a igualdade entre os cidadãos, homens e mulheres.

A presente proposta consiste em desenvolver investigação neste âmbito porque a língua, na sua vertente oral ou na escrita (sejam quais forem os meios de comunicação social, sobretudo a imprensa, mas também a Literatura), veicula as ideias dos cidadãos ou de alguns grupos sociais. Pretende-se estudar a linguagem usada para expressar a feminilidade e a masculinidade, desenvolvendo reflexão e publicando estudos como o que se junta a esta proposta (cf. “**A Bipolaridade da Linguagem da Sexualidade. Subentendidos, Piropos, Palavrões e Outros Elementos Linguísticos**”).

Intenta-se desenvolver a pesquisa, realizando estudos, escrevendo ensaios ou apresentando comunicações, sobre a linguagem verbal e a sexualidade para realçar que a cidadania e a igualdade se constroem através da educação, inclusive linguística, de todas as camadas sociais. É fundamental apostar no ensino aprofundado da língua materna para que as novas gerações possam aprender que a palavra auxilia no respeito de si e dos outros. Saber dizer e compreender o que é dito ajuda a aceitar as diferenças que são um

bem, uma vez que a sociedade é plural. Assim, esta proposta de investigação, já iniciada, mas a desenvolver, incide sobre a linguagem da sexualidade na sociedade portuguesa hodierna. Sublinha o contributo dos Estudos Linguísticos para a igualdade e a cidadania, princípios que Maria Aurora Carvalho Homem sempre defendeu, assim como Ana Margarida Falcão, recentemente falecida, a quem se dedica o estudo apresentado, uma parcela da investigação que se deseja aprofundar.

III. Finalidades e Metas

No geral, almeja-se:

A) Investigar a linguagem usada para expressar a feminilidade e a masculinidade, veiculadas comunitariamente, pelos mais diferentes meios.

B) Desenvolver reflexão alargada sobre a expressão linguística comunitária da feminilidade e da masculinidade.

C) Compreender como vão avançando as mentalidades em função dos dados linguísticos recolhidos.

D) Estudar a linguagem usada para falar de sexualidade, relacionando-a com a cidadania e a igualdade.

E) Levar a pensar na linguagem da sexualidade que cada um, pessoalmente, usa, confrontando-a com a que os outros empregam e com a que, socialmente, é aceite ou rejeitada.

Para atingir tais fins, pretende-se:

A) Recolher (ou melhor, continuar a recolher) referências à sexualidade ditas e escritas nos mais diversos meios.

B) Compilar e organizar essas referências, que funcionam como exemplos ilustrativos e comprovativos das realidades individuais e sociais.

C) Ler, sistematizando, com atenção, as referências à sexualidade nesses diversos meios, sobretudo os de comunicação social e os literários.

D) Analisar os excertos recolhidos, a nível linguístico.

E) Medir as distâncias entre “o que é dito”, “o que é sugerido”, “o que não é dito” e “o que é pretendido”.

F) Redigir (continuar a redigir) artigos, ensaios, estudos, etc. para publicação, levando à reflexão e à tomada de consciência sobre a linguagem da sexualidade, individual e comunitária.

G) Promover, através dos Estudos Linguísticos, a igualdade e a cidadania, compreendendo a linguagem da sexualidade comunitária (inclusive a que possa ter pendor regional).

IV. Grupo alvo

Em princípio, tratando-se de uma investigação, o público é, sobretudo, universitário. Todavia, pretende-se que seja cada vez mais alargado ao não universitário, incluindo a população escolar de outros graus de ensino, além da população em geral.

V. Incidência Geográfica

A investigação terá uma divulgação regional (por exemplo, o estudo enviado destina-se a um livro de homenagem a Ana Margarida Falcão, a publicar a nível regional), mas também nacional e internacional. Contudo, as comunicações orais, que se pretende apresentar com base nos estudos realizados, poderão ter, predominantemente, uma incidência regional.

VI. Metodologia

A metodologia usada é essencialmente científica e faseada, como seria de esperar, indo da recolha de materiais à difusão dos resultados, após a análise destes.

A) Identificação de materiais

-> Recolha de referências à sexualidade ditas e escritas nos mais diversos meios.

-> Compilação e organização dessas referências.

B) Observação dos materiais

-> Leitura atenta, separada e global, das referências à sexualidade nos diversos meios onde são veiculadas.

-> Análise linguística dos excertos recolhidos.

C) Interpretação dos materiais recolhidos e observados

-> Medir as distâncias entre “o que é dito”, “o que não é dito”, “o que é sugerido” e “o que é pretendido”.

-> Comparar semelhanças/ diferenças lexicais, semânticas, estilísticas, discursivas ou de outro tipo, entre as referências recolhidas.

-> Enquadrar os resultados linguísticos nas vivências culturais e sociais.

-> Compreender como vão avançando as mentalidades em função dos dados linguísticos recolhidos.

D) Publicitação dos resultados obtidos

-> Com os dados conseguidos, redigir artigos (cf. Exemplar enviado) para publicação.

-> Apresentar comunicações orais, palestras, etc. para divulgação dos resultados.

-> Levar os leitores ou os ouvintes à reflexão e à tomada de consciência sobre a linguagem da sexualidade.

-> Com o debate sobre os dados obtidos, promover a igualdade e a cidadania.

VII. Inovação

Crê-se que é inovador recorrer aos Estudos Linguísticos para a promoção da igualdade e a cidadania, o que a análise da linguagem da sexualidade nestes artigos de investigação/ ensaios/ estudos, procura alcançar.

VIII. Conclusões

A investigação empreendida e a desenvolver, cujo estudo, em forma de estudo/artigo, “A Bipolaridade da Linguagem da Sexualidade. Subentendidos, Piropos, Palavrões e Outros Elementos Linguísticos”, é um resultado palpável, permite, desde já, tirar algumas conclusões. Apresentam-se as seguintes:

A) A sexualidade é uma área que merece ser estudada a nível linguístico.

B) A Literatura veicula visões diversificadas sobre a sexualidade, a igualdade e a cidadania, requerendo, deste ponto de vista, estudo linguístico.

C) Os meios de comunicação social, sobretudo a imprensa, dão conta de informações, reportagens, etc. relacionadas com a sexualidade, a igualdade e a cidadania, usando uma linguagem diversificada que requer análise e reflexão para compreender o estado das mentalidades contemporâneas.

D) É necessário facultar ferramentas linguísticas relacionadas com a sexualidade para que a violência, acima de tudo verbal (subentendidos, piropos, insultos, palavrões, etc.), seja combatida, essencialmente nas camadas mais jovens, ainda em idade escolar, reduzindo possíveis reflexos, por exemplo, na violência no namoro e na violência doméstica.

E) A linguagem é a pedra basilar da igualdade e da cidadania, quanto mais se tiver consciência disso, melhor se comunicará. Assim, estudar a linguagem da sexualidade é fundamental para compreender o que permite realmente construir a igualdade, numa sociedade mais justa e fraterna, no respeito pelos outros e pelas suas diferenças.